

Noites de agonia nas emergências

Enfrentar banheiros sujos, dormir no chão... Fazer companhia a doentes em hospitais públicos é um Deus-nos-acuda

Cibelle Colmanetti
Da equipe do **Correio**

Uma cadeira com apoio para os braços é o máximo de conforto. Às vezes, nem isso se consegue. Nada tem de fácil a rotina de quem precisa acompanhar doentes nas enfermarias do pronto-socorro dos hospitais públicos no Distrito Federal. Aliados à falta de acomodações, o desgaste psicológico e a preocupação com o paciente se mostram em rostos cansados e corpos doloridos.

Se faltam leitos para todos os doentes, nem mesmo se sabe, ao certo, o número de cadeiras para os acompanhantes. Há quem forre o chão do corredor com uma toalha para se deitar. Há também quem prefira dormir no berço com o filho, para tentar manter as costas mais relaxadas. Em nenhuma das situações, a noite é bem dormida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente determina que "os estabelecimentos de atendimento à saúde deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação da criança e do adolescente" (artigo 12, capítulo 1, título 2). O mesmo texto — no qual apenas se substitui a palavra criança por qualquer paciente em internação especial — consta da lei distrital 3.666, de maio de 1999.

Há ainda a portaria 280 (abril de 1999) do Ministério da Saúde que garante a permanência de um acompanhante para doentes acima dos 60 anos de idade nos hospitais públicos ou conveniados ao Sistema Único de Saúde. As leis são claras: devem ser oferecidas condições para acomodar o acompanhante. Mas o que se revela no dia-a-dia das emergências é precariedade.

"Tenho de ficar de olho na cadeira o tempo todo, até mesmo para ir ao banheiro. Senão, fico sem ter onde se sentar", conta a dona-de-casa Socorro Bezerra, 34 anos, moradora de Queiroz — próximo a Santo Antônio do Descoberto. Desde domingo, ela está no Hospital Regional de Taguatinga (HRT), acompanhando o filho Jean, 12, que te-

ve uma infecção nos dedos do pé esquerdo.

BANHEIRO SUJO

Para a dona-de-casa não há comodidade — salvo as três refeições diárias fornecidas pelo próprio hospital. Sem ter como ir para casa, Socorro tem de tomar banho no banheiro da emergência, utilizado por centenas de pessoas, doentes ou não. Segundo conta, o local nem sempre fica limpo. A falta de acomodação é o que mais a perturba. Na última terça-feira, por exemplo, Socorro esperou horas de pé, ao lado do leito do filho, porque não havia cadeiras no pronto-socorro lotado.

Próximo dali, as irmãs Lucinalva, 32 anos, e Marilúcia Silva, 25, já reservaram suas cadeiras — uma das quais sem qualquer tipo de estofamento. Levaram o pequeno Philipe, de apenas dois meses, ao HRT na noite de terça-feira, por volta das 23h. Somente às 4h30, receberam o resultado do raio-X: bronquite.

Desde então, os três estão no pronto-socorro — Lucinalva precisou pedir autorização para que a irmã caçula a acompanhasse, pois tem problema de coluna e não pode carregar o filho. Até a tarde, ficaram em pé. "Só consegui me sentar quando um acompanhante se levantou. Eu nem perguntei se ia voltar logo, tratei de pegar a cadeira", conta a mãe.

Em Ceilândia, a situação dos acompanhantes muda pouco. Além dos casos previstos em lei, os médicos do hospital regional da cidade (HRC), seguindo determinação da Secretaria de Saúde, permitem a presença de familiares ou responsáveis junto de pacientes que não podem se alimentar sozinhos, sofreram derrame cerebral, apresentam quadro muito grave etc.

NO CHÃO

A jovem Marisa Pereira do Nascimento, 13 anos, acompanha há oito dias a tia Jerônima José de Moura, 39, internada por conta do diabetes no Hospital Regional de Ceilândia. As duas chegaram no sábado, depois de dois dias de viagem, vindas de Conceição (TO). Esgotada pela distância percorrida, a menina ainda não teve tempo

Nehil Hamilton



Maria: dormindo no chão para poder fazer companhia a tia Jerônima no Hospital Regional de Ceilândia

para descansar — a permanência no hospital não é o que se pode classificar como relaxante.

Acomodada em uma cadeira simples, a menina não resistiu aos dias de vigília. Na madrugada de quarta-feira, estendeu uma toalha no chão do corredor do pronto-socorro e dormiu por cinco horas. "Não sei como ela conseguiu com tanta gente passando", impressiona-se Jerônima.

O desconforto para os acom-

panhantes não se restringe apenas aos hospitais fora do Plano Piloto. No Hospital Regional da Asa Norte (Hran), a dona-de-casa Maria Helena dos Santos, 48 anos, está com dor nas costas há oito dias, desde que a filha Juscelina, 15, foi internada na enfermaria do pronto-socorro com pneumonia.

Durante esse tempo, a moradora de Santa Maria voltou para casa apenas uma vez. Foi buscar mais roupas, pois é ela quem

fica no hospital todos os dias e noites. O filho mais novo, de 8 anos, e os serviços domésticos ficaram a cargo do marido, enquanto Maria Helena aprende novas tarefas, como aumentar ou diminuir a quantidade de soro aplicada na filha. A dona-de-casa também se encarrega de alimentar e limpar a jovem. "É desgastante e cansativo, mas sei que essas dificuldades não significarão nada quando minha filha ficar boa."

Ajuda essencial na recuperação

Em um sistema de saúde no qual faltam médicos e auxiliares para cuidar de tantos doentes, os acompanhantes acabam se tornando essenciais. São eles que ajudam a limpar o paciente, a alimentá-lo, verificam o soro, dão a medicação nos horários corretos, cobram atendimento dos profissionais. Além disso, mantêm o vínculo afetivo entre a família e a pessoa internada, o que contribuiria para uma recuperação mais rápida.

"É impossível acomodar todo mundo. Às vezes, falta até cadeira", conta a enfermeira encarregada do pronto-socorro do Hospital Regional de Ceilândia (HRC), Ermitânia Alves Inagaki. De acordo com ela, já foram feitos vários pedidos à Fundação Hospitalar, mas raramente chegam móveis novos.

No HRC, os auxiliares não conseguiriam atender sozinhos qualquer demanda dos pacientes. Na enfermaria da emergência, há 47 leitos sem contar as macas instaladas pelos corredores. No local trabalham 119 auxiliares de enfermagem e serviços gerais, quando o quadro ideal deveria contar com 18 profissionais a mais — o déficit não é exclusividade de Ceilândia. Repete-se em outras instituições de saúde do Distrito Federal.

O número de enfermeiros também é insuficiente. Seriam necessários 16, mas há apenas oito. A diferença dificulta, por exemplo, o atendimento adequado a uma pessoa que acabou de sofrer um derrame cerebral e não pode sequer se alimentar sozinha.

Pediatra do pronto-socorro do Hospital Regional de Taguatinga, Abraão Alves destaca ainda o papel das mães ao acompanharem os filhos pequenos. Elas fazem as vezes de tradutoras, explicando ao médico o que está acontecendo com a criança. "E acabam aprendendo a cuidar de uma desidratação, como dar medicamentos e outros cuidados que depois podem aplicar em casa."

Alves, no entanto, reconhece que o pronto-socorro não oferece condições de conforto para os acompanhantes nas enfermarias da emergência — eles sequer podem trazer uma cadeira mais confortável ou uma televisão de casa. Com espaço reduzido para os doentes, ele acredita que móveis extras tornariam o trabalho impraticável.